

Luana Claro

(1994, São Paulo – SP) é graduanda em Letras pela Universidade de São Paulo e atualmente pesquisa a construção da figura feminina na obra poética de Angélica Freitas. Publicou seu primeiro livro de poemas e ilustrações, *Diadorim* (2017), pela editora Patuá.

E-mail: luana.claro@usp.br

cena interior

I

a tácita mobília não assistiu tua partida
as palavras não deram conta da rotina-
da-ausência gravemente estabelecida

as palavras, as de ninguém
foram capazes de alcançar os nomes
das coisas que restaram
e que ocupam o lugar sem entretanto ocupá-lo
e que existem em um tempo de pertença
indissociável do abandono
que é tão somente a morte em si

II

permanece em seu lugar a mobília
entretanto há sobre ela um véu de irrerealidade
objetos antigos e em absoluto irreconhecíveis
transfigurados pela falta

III

a solidez do vidro de perfume antigo
contradiz a ausência de quem outrora o segurou
com delicadeza e nos pulsos aplicou seu conteúdo
tuas digitais estão impressas no frasco
teu cheiro está impregnado na memória
o líquido assume lentamente a cor do tempo

e à luz de sua marcha indelével
questiona-se a quem pertence
o perfume envelhecido atualmente

IV

a linguagem do silêncio é a expressão
de perda utilizada pelos animais
à noite enquanto ressona
sonhará o cão com o dia do retorno?
o toque de seu focinho gelado
é o chamado para a vida indelével
apesar de tudo o animal continua
vivo e tem fome

V

os sapatos permanecem ao lado da cama
o uso fez deles um objeto biográfico
onde teus caminhos estão presentes
e hoje os calço
e sinto o destino familiar
guiando todo e qualquer passo dado
a casa parece finalmente em festa
ao ver teus sapatos passeando de novo